

PIBIDQUEST: INSTRUMENTO NORTEADOR DA PRÁTICA DOCENTE

Jessyca Oliveira da Silva

Mércia Queiroz da Silva

Ana Cecília Bernardino Alves

Jéssica Paola Camilo Vasconcelos Barkokebas¹

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de relatar a experiência dos bolsistas do PIBID Letras Português na construção de um questionário, instrumento norteador na elaboração de intervenções didáticas, visando conhecer as práticas de leitura e escrita dos alunos do ensino básico e, com isso, planejar atividades significativas para eles. Para construir o *PIBIDquest*, foi preciso refletir sobre a natureza do questionário, com base em Chaer, Diniz e Ribeiro (2011) e Gerhardt e Silveira (2009), assim como compreender as questões relativas ao ensino-aprendizagem segundo Dionísio (2014), Souza, Corti e Mendonça (2012), Santos, Mendonça e Cavalcante (2007) e Kleiman, Cenicerós e Tinoco (2013).

Palavras-chave: *PIBIDquest*; pesquisa; planejamento; prática docente.

Abstract: This work aims to report the experience of PIBID scholarship students (Portuguese Language) in the construction of a questionnaire as an instrument to guide the preparation of didactic interventions, with the object of discovering the reading and writing practices of primary students in order to plan significant activities for them. To build the *PIBIDquest*, it was necessary to reflect on the nature of the questionnaire, according to Chaer, Diniz and Ribeiro (2011) and Gerhardt & Silveira (2009), as well as to understand the issues related to teaching-learning according to Dionísio (2014), Souza, Corti and Marie (2012), Santos, Marie and Cavalcante (2007) and Kleiman, Ashtrays and Tan (2013).

Keywords: *PIBID quest*; research; planning; teaching practice.

1. Alunas do curso de Letras/Português da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/CAPES, com a supervisão de Cláudia Ferreira.

Considerações iniciais

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) insere os alunos de graduação no cotidiano de escolas públicas, proporcionando experiências metodológicas e práticas docentes inovadoras, que contribuem significativamente para a formação docente. O PIBID Letras Português da UFPE (etapa II), através do subprojeto “A leitura de linguagens diversas”, atua em três escolas estaduais, desde março de 2014. Atualmente, é desenvolvido sob a coordenação das professoras Angela Dionisio, Ana Lima e Suzana Cortez, e a equipe se compõe de quatro professores atuantes na rede estadual de ensino e 24 graduandos do curso de Letras.

Esses graduandos são organizados em duplas e distribuídos nas três escolas estaduais sob a supervisão dos professores do ensino básico. Após algumas reuniões, nas quais foram discutidos os objetivos do projeto e os mapeamentos das escolas, iniciamos as preparações para a primeira intervenção didática. Entretanto, inúmeras dúvidas persistiam: “por onde começar?”, “que atividades seriam significativas para os alunos?”, “não seria importante conhecer os hábitos de leitura e escrita deles, inclusive fora da escola?”.

Entendemos que o professor é, antes de tudo, um pesquisador. Diante da necessidade de conhecer as práticas dos alunos e envolvê-las na nossa prática docente, surgiu a ideia de criar um questionário, o *PIBIDquest*. Neste trabalho, relataremos de que forma esse instrumento colaborou para a elaboração do planejamento das intervenções didáticas, direcionando as atividades aos interesses dos alunos.

A produção do PIBIDquest

Paralelamente às visitas as escolas, lemos *O trabalho com gêneros por meio de projetos*, texto de Santos, Mendonça e Cavalcante (2007) sobre

as práticas de leitura e de escrita situadas no cotidiano, as chamadas “práticas de letramento”, que nem sempre estiveram vinculadas à escola. A reflexão acerca da relevância de levá-las para a sala de aula é, de certo modo, recente. Mas se os alunos, enquanto sujeitos sociais, deparam-se constantemente com informações diversas sob a forma de gêneros textuais (mensagem de redes sociais, contas de água ou luz, letreiro de transporte coletivo, tabela de preços no supermercado, propagandas, entre outros), é necessário compreender como essas informações interferem na vida social deles.

A partir dessas reflexões, chegamos a um consenso de que era preciso elaborar atividades que envolvessem interesses reais dos alunos, com base nas suas preferências musicais e nos seus hábitos de leitura, por exemplo. Desse modo, surgiu a ideia de elaborarmos um questionário que nos possibilitasse construir um perfil das turmas participantes do projeto, o qual foi denominado *PIBIDquest*.

Com base em uma atividade cujo intuito era construir o “perfil do leitor”, desenvolvida pelo PIBID Letras Português (Etapa I) entre 2011-2013, buscamos investigar mais do que os hábitos de leitura: queríamos saber também quais eram as práticas de escrita, os estilos de músicas e de filmes preferidos, as experiências de trabalho, como os alunos utilizavam a internet/as redes sociais, as produções textuais desejadas, entre outras questões pertinentes, com a finalidade de ampliar esse questionário. Tivemos que recordar também da leitura do livro *Letramentos no ensino médio*, de Souza, Corti e Mendonça (2012, p. 15-19). Segundo as autoras,

mapear o que os alunos leem e escrevem além dos muros da escola é, sem dúvida, o primeiro passo para se aproximar dos seus interesses. A partir desse conhecimento, é possível planejar atividades de leitura e escrita de fato

significativas [...] Nosso trabalho, portanto, deve começar pela identificação do que estes jovens são e fazem, e não do que eles “não são” e “não fazem”.

Uma equipe composta de seis graduandos ficou responsável pela organização do referido questionário. Inicialmente, coletaram-se as sugestões do grande grupo e foram selecionadas as questões mais pertinentes, complementadas pouco a pouco por outras sugestões que foram surgindo durante o processo. Levamos cerca de um mês e cada passo foi supervisionado pelas coordenadoras. O questionário, contendo questões fechadas e abertas, não podia ser muito extenso nem muito conciso, deveria ser atrativo para os alunos e conter as respostas essenciais para a elaboração das atividades, nossa meta principal.

Nesse sentido, refletir sobre a quantidade e a natureza das questões foi importante: as perguntas abertas permitem, de certo modo, liberdade ilimitada de respostas e a utilização da linguagem própria do informante, que escreve “aquilo que lhe vier à mente”; já as fechadas restringem as respostas às alternativas específicas impostas, de certo modo, pelo pesquisador. É possível, ainda, utilizar questões dependentes: “perguntas que apenas serão respondidas se uma anterior tiver determinada resposta”. Outro aspecto observado foi a ordem das questões, de modo que cada uma tivesse “necessariamente conexão com a anterior” (CHAER, DINIZ & RIBEIRO, 2011, p.260).

Após algumas reescritas do questionário, chegamos à versão final. O *PIBIDquest* foi dividido em duas partes: a primeira com perguntas essencialmente abertas, organizada em colunas, que deveriam ser preenchidas pelos alunos, a exemplo da primeira questão: “eu costumo ler na escola...” (coluna 1), “eu costumo ler fora da escola...” (coluna 2). Nessa parte inicial, os temas abordados foram ler, escrever, assistir e ouvir, em diversos suportes (livro, revista, jornal, parede, panfleto, TV, tablet, computador/internet,

celular) e situações cotidianas (ponto de ônibus/metrô, casa lotérica/banco, bar/restaurante, casas religiosas, ruas, escritório/consultório/hospital).

Já a segunda parte apresenta perguntas fechadas, abertas e dependentes. Os alunos deveriam marcar as suas opções de música (rock, MPB, funk, pagode, gospel, entre outras), de atividades que gostariam de produzir (letra de música, vídeo, tela de pintura, site/blog, entre outras), se utilizam redes sociais e/ou aplicativos, tipos de filmes preferidos, se trabalham e em quais situações precisavam ler e/ou escrever, entre outras. Também incluímos um espaço para recado, caso os informantes quisessem deixar alguma mensagem ou sugestão para a equipe do PIBID Letras Português.

Abrimos o questionário com a seguinte mensagem: *“Caro(a) aluno(a), nós do PIBID Letras Português UFPE queremos saber um pouco sobre as suas atividades de escrita, de leitura e de escuta de textos. Podemos contar com a sua colaboração? Você pode participar desta pesquisa? E concluímos com um agradecimento: Obrigada pela participação! É muito bom conhecer um pouco mais sobre você!* Buscamos organizar o questionário em 15 perguntas e estava pronto para ser impresso. No entanto, para Gerhardt e Silveira (2009, p. 70), o questionário precisa, depois de redigido,

ser testado antes de sua utilização definitiva, por meio da aplicação de alguns exemplares em uma pequena população escolhida, visando evitar possíveis falhas ou imprecisões na redação, complexidade das questões, questões desnecessárias, constrangimentos para o informante, exaustão, etc. (GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 70).

Dessa forma, os 24 bolsistas responderam ao *PIBIDquest* e em seguida, debatemos sobre essa experiência de se colocar no lugar dos alunos. Foi assim que decidimos destinar um tempo de resposta equivalente a duas aulas de 50 minutos, para que os alunos respondessem com bastante

tranquilidade. As nossas respostas foram analisadas pelas coordenadoras, que também puderam construir o nosso perfil.

Os dados coletados e suas contribuições

A aplicação foi realizada simultaneamente em todas as turmas, que foram recebidas pelos graduandos com um chocolate e a seguinte mensagem: *sejam bem-vindos a uma jornada rumo ao conhecimento*. Os dados coletados passaram pelas seguintes etapas: 1) análise das respostas de cada turma; 2) debate no grande grupo para socialização dos perfis criados; 3) sistematização dos dados das turmas em gráficos para melhor visualização e compreensão.

Inicialmente, cada dupla analisou as respostas de sua turma e transformou-as em números para criar um perfil: no 9º ano B da Escola Leal de Barros, por exemplo, 46% da turma gostaria de produzir uma letra de música e 93% utilizam a rede social *Facebook*. Em seguida, a equipe se reuniu para compartilhar os perfis criados e nesse momento foi possível identificar certas semelhanças entre as turmas. A última etapa foi sistematizar os dados de cada turma em gráficos e socializar com toda a equipe.

Com base nos dados obtidos, foi possível planejar atividades, por exemplo, utilizando a música “A cor do Brasil”, tema de abertura da novela *I Love Paraisópolis* (vigente no momento), já que 70% dos alunos assistem à televisão e uma das programações mencionadas foram as novelas. A letra da música seria o ponto de partida para uma discussão acerca da miscigenação, combatendo o preconceito. Isso só foi possível diante do mapeamento dos hábitos dos alunos através do *PIBIDquest*.

Para iniciarmos as atividades, decidimos expor aos alunos alguns dados do *PIBIDquest* recorrendo a utilização do tangram – espécie de quebra-cabeça, como motivação, no primeiro dia da intervenção. Cada dupla criou sua estratégia para expor o perfil montado e logo os alunos

puderam responder “quem é o 9º ano B da Escola Leal de Barros?” ou “quem é o 1º ano C da Escola Senador Novaes Filho?” “O que leem?” “Quais suas preferências musicais?”, etc. Além de discutir a identidade da turma. Visávamos estreitar a relação professor-aluno a partir das informações fornecidas pelos alunos.

O mais importante foi incentivar os alunos a não apenas restringir leitura e escrita à escola, pois, como afirmam Kleiman, Ceniceros e Tinoco (2013, p. 74), “ler e escrever não são práticas circunscritas à esfera escolar. Lemos e escrevemos para agir no (e sobre o) mundo”. Observando as respostas, os alunos descobriram que leem e escrevem a todo instante, pois a leitura e a escrita estão em todo lugar que os cerca, e puderam repensar suas práticas de leitura e escrita.

Após criarmos um perfil para cada turma, cada equipe buscou unir as informações para traçar o perfil de sua escola, pois, a partir da análise comparativa entre as turmas, percebemos uma série de semelhanças. Chegamos à conclusão de que, apesar de haver uma diversidade de níveis de ensino (turmas do Ensino Fundamental II e Médio), os alunos possuem preferências e opiniões bem parecidas, já que são oriundos de uma mesma geração situada em um dado contexto histórico. Perceber isso foi importante para pensarmos na possibilidade de unir os dados das três escolas. Dois representantes de cada instituição ficaram responsáveis por juntar todas as informações em gráficos gerais e, assim, construímos o perfil dos “alunos do ensino básico”.

A escolha do instrumento de coleta de dados

Os alunos devem ser percebidos em uma dimensão cultural e, assim, entende-se quais práticas sociais fazem sentido na vida deles. É necessário “compreender os fatores que podem ser considerados facilitadores do

processo de aprendizagem para que se utilizem os recursos disponíveis, a fim de construir uma aprendizagem significativa”, como assegura Dionísio (2014, p. 23).

Mas, qual a melhor forma de conhecer os alunos? Como mapear o que os alunos leem e escrevem dentro e fora da escola? Através de entrevista, de rodas de conversa ou, quem sabe, a partir de uma produção escrita? O método de pesquisa deve se adequar ao que se deseja estudar e ao tipo de informantes, sendo necessário conhecer previamente a realidade em que a intervenção ocorrerá.

A pesquisa é um processo que engloba várias etapas, desde a identificação do problema até a construção dos resultados. Gerhardt e Silveira (2009) asseguram que:

Só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa. As razões que levam à realização de uma pesquisa científica podem ser agrupadas em razões intelectuais (desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer) e razões práticas (desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz) (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 12).

Ainda segundo as autoras, “a coleta de dados deve iniciar após termos realmente problematizado o tema a ser pesquisado, ou seja, após termos conseguido colocar questões pertinentes sobre o tema” (p. 45). No nosso caso, aprendizes de professor-pesquisador, essa pesquisa teve como objetivo descobrir novas perspectivas para o trabalho em sala de aula, uma vez que o papel do PIBID é proporcionar experiências metodológicas e práticas docentes inovadoras significativas para a nossa formação enquanto docentes. Sobre essa questão, as autoras afirmam que:

não se trata, para o pesquisador iniciante, de fazer grandes descobertas teóricas inéditas e de grande interesse para a comunidade científica, mas, sim, de ele próprio descobrir novas perspectivas teóricas, mesmo que elas sejam amplamente conhecidas. Nossa ótica aqui é a da formação (p. 61)

Diante de vários procedimentos de coleta disponíveis para nossa pesquisa, optamos pelo questionário, pois julgamos uma técnica mais adequada diante das nossas turmas numerosas (em média 40 alunos), bastante agitadas e em diferentes estágios. O questionário, enquanto ferramenta para coleta de dados, é utilizado de modo recorrente em pesquisas nas quais se envolvem o levantamento de um grande número de dados.

Para Marconi e Lakatos (2003, apud CHAER, DINIZ & RIBEIRO, 2011), é “um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” e as perguntas podem ser de natureza diversa. Sua vantagem é, além de atingir um grande número de pessoas simultaneamente, adquire respostas mais precisas e não expõe o aluno à influência do professor-pesquisador.

Considerações finais

O *PIBIDquest* possibilitou um conhecimento expressivo sobre o perfil da leitura, da escrita dos alunos e algumas das suas particularidades, informações que nos nortearam no planejamento das atividades. Sistematizar os dados não foi fácil, exigiu tempo e muita dedicação, mas o resultado foi satisfatório. Acreditamos que a receptividade, a participação e a verbalização da aceitação das atividades por parte dos alunos foi desencadeada pela realização de um planejamento que considerou o que eles gostavam.

Quanto ao espaço destinado a recados, muitos alunos preencheram com mensagens de agradecimento como: “Bom, achei interessante esse questionário e todas as perguntas, obrigado”; “Será um grande prazer poder ajudar vocês a conseguir concluir o trabalho de vocês, que é um trabalho que requer muito esforço e paciência. Obrigada e boa sorte no seu futuro trabalho”; “Gostei muito da atividade”; “Só queria dizer obrigado, e foi muito bom a pesquisa que vocês fizeram com nós todos. Obrigado!”; “Acho muito legal vocês virem aqui na escola. Parabéns”; “Achei muito legal essa ideia e boa sorte, vocês vão precisar quando entrar nessa sala”; “Primeiramente obrigada pela oportunidade, uma atividade diferente. Muita luz na vida de vocês. Beijos”; “Adorei escrever um pouco do que gosto, assim você pode conhecer sobre mim”, entre outras.

Motivados pelas mensagens tão sinceras dos alunos, aprendemos que planejar, levando em consideração as vivências dos alunos, é uma tarefa muito importante na prática docente. Quando planejamos, os objetivos que pretendemos alcançar ficam bem nítidos e, por ser o momento das escolhas, da criação de estratégias, visando uma aprendizagem efetiva dos alunos, precisamos fazer escolhas que os envolva. É necessário pensar para quem iremos ensinar, levando em consideração os diversos contextos sociais e linguísticos nos quais os alunos estão inseridos. A investigação orienta a atuação, portanto, a pesquisa é fundamental para a prática docente.

Referências

- CHAER, G; DINIZ, R; & RIBEIRO, E. A. *A técnica do questionário na pesquisa educacional*. Revista Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/201/187>
- DIONISIO, Angela Paiva. *Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais*. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

- KLEIMAN, A.; CENICEROS, R.; & TINOCO, G. Projetos de letramento no ensino médio. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M.(Orgs.). *Múltiplas Linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, pp. 69-83.
- SANTOS, C.; MENDONÇA, M.; & CAVALCANTE, M. O trabalho com gêneros por meio de projetos. In: SANTOS, C.; MENDONÇA, M.; & CAVALCANTE, M. *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Autêntica, 2007, pp. 115-132.
- SOUZA, A; CORTI, A.; & MENDONÇA, M. *Letramentos no ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GERHARDT, T; SILVEIRA, D. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.